

# O mundo mítico-poético de Baco Exu do Blues: erotismo e religiões no rap<sup>1</sup>

The mythical-poetic world of Bacchus Exu of the Blues:  
eroticism and religions in rap

*Bruno de Carvalho Rocha<sup>2</sup>*

**Resumo:** Baco Exu do Blues é um rapper baiano que desde 2016 vem ganhando espaço na música brasileira. Ficou conhecido no cenário por apresentar um estilo poético erótico-irreverente, melancólico e religioso. Sua poesia “suja” mistura-se a uma luta constante entre a vida e a morte, cigarros e bebidas, amores e deuses. O objetivo desse artigo é refletir sobre o mundo mítico-poético mobilizado por Baco. Assim, busca-se 1) compreender o que ele chama de “poesia de escória”, 2) analisar o tom erótico de seus versos e por fim, 3) localizar o papel que as religiões, suas metáforas e símbolos exercem no seu rap. Nossa hipótese é de que a linguagem religiosa e erótica, além de íntimas nas obras de Baco Exu do Blues, estrutura seu mundo poético e simbólico. Esperamos que esta reflexão contribua para a valorização da música rap enquanto um fenômeno promissor para os estudos nas Ciências da religião.

**Palavras-chaves:** Baco Exu do Blues; rap; poesia; erotismo; religiões.

**Abstract:** Baco Exu do Blues is a Bahian rapper who since 2016 has been gaining ground in Brazilian music. He was known on the scene for presenting an erotic-irreverent, melancholic and religious poetic style. His

---

Artigo recebido em: 16 de out. de 2021

Aprovado em: 20 de dez. 2021

<sup>1</sup> O presente artigo é resultado da comunicação “Baco Exu do Blues entre a ‘poesia de escória’, amor erótico e as religiões”, apresentada no 33º Congresso Internacional da SOTER: “Religião, Laicidade e Democracia: Cenários e perspectivas”, realizado entre os dias 12 a 16 de julho de 2021, no GT Religião, arte e literatura. Agradeço as contribuições que ali foram proferidas.

<sup>2</sup> Mestrando em Ciências da religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Membro do grupo de pesquisa LITERE - Literatura, Teorias da linguagem e Religião. Contato: brunorochoa\_47@hotmail.com.

“dirty” poetry is mixed with a constant struggle between life and death, cigarettes and drinks, loves and gods. The purpose of this article is to reflect on the mythical-poetic world mobilized by Bacchus. Thus, the aim is 1) to understand what he calls “slag poetry”, 2) to analyze the erotic tone of his verses and, finally, (3) to locate the role that religions, their metaphors and symbols play in his rap. Our hypothesis is that religious and erotic language, in addition to being intimate in Baco Exu's Blues works, mobilizes his poetic and symbolic world. We hope that this reflection will contribute to the appreciation of rap music as a promising phenomenon for studies in the Sciences of Religion.

**Keywords:** Baco Exu do Blues; rap; poetry; eroticism; religions.

## Introdução

Diego Álvaro Ferreira Moncorvo, mais conhecido como Baco Exu do Blues, é um rapper baiano que desde 2016 vem ganhando espaço na música brasileira. Sua curta mas promissora carreira dentro do rap nacional, ganha cada vez mais forma e reconhecimento entre o grande público. Apesar do controverso episódio com a música *Sulicídio*<sup>3</sup>, que marcou o início de suas atividades mais significativas dentro da “cena”, Baco tem muito a dizer sobre suas escolhas políticas e estéticas, experiências pessoais e suas raízes: “Filha da puta respeita o nordeste”<sup>4</sup>. Filho de uma professora de literatura, desde pequeno foi incentivado à escrita e à leitura por meio de obras clássicas da literatura brasileira, fatos que ficam explícitos na articulação entre referências e os versos de sua canção: “Garçom, traz outra dose, por favor / Que eu tô / Entre o Machado de Assis e o de Xangô”<sup>5</sup>.

Baco já percorreu diversos circuitos nacionais de shows, parcerias e prêmios dentro e fora do mundo do rap. Seu trabalho compôs algumas listas de melhores álbuns em sites especializados como o da revista Rolling Stones em 2017, além de indicações e conquistas do Prêmio MultiShow de Música Brasileira em 2018 e 2019 na categoria “artista revelação” e “canção do ano”. Com o filme

---

<sup>3</sup> A música *Sulicídio*, lançada no ano de 2016, trouxe diversas repercussões para o rap nacional. A primeira e mais evidente, foi o esgarçamento das fronteiras do mercado fonográfico Rio-São Paulo. Baco e Diomedes “atacam” através das rimas alguns rappers de sucesso no sudeste, gerando reações entre os artistas, os fãs e o público de diversas religiões do país. A segunda repercussão foram as críticas que Baco sofrera por frases consideradas machistas e LGBTfóbicas presente na música.

<sup>4</sup> Baco Exú do Blues e Diomedes Chinaski, “Sulicídio”, Single. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OoWPHgvi16I>. Acesso em: 23 jun. 2021.

<sup>5</sup> Baco Exu do Blues, “Esú”, Álbum Esú (999, Salvador, 2017).

de abertura do disco *Bluesman* (2018), conquistou o Grand Prix na categoria "Entertainment for music" no Festival de Cannes Lions (2019). Foi entrevistado por importantes personalidades da cultura brasileira como Lázaro Ramos, no programa "Espelho", Caetano Veloso em um quadro do Mídia Ninja e por Marcelo Tas no "Provoca", pela Tv Cultura. Mesmo com apenas 4 projetos musicais lançados (*Oldmonkey*, 2015; *Esú*, 2017; *Blusman*, 2018; e *Não tem bacanal na quarentena*, 2020) ficou conhecido no cenário do rap por apresentar um estilo poético-erótico irreverente, melancólico e religioso. Sua poesia "suja", como afirma em algumas canções, é resultado de uma experiência constante entre a vida e a morte, cigarros e bebidas, entre amores e deuses. Percebe-se ao longo de sua obra a visceralidade do seu discurso; poesia que nasce de uma cultura onde o corpo está em constante movimento; uma poesia mítica e transatlântica, que tem cor, desejo e dor.

Sendo assim, objetivo desse artigo é tentar captar algumas ideias expressas por Baco que venham auxiliar na compreensão de parte do mundo mítico-poético desse que se intitula como "poeta maldito perito na arte de Arthur Rimbaud"<sup>6</sup>. Para isso, parte-se, primeiro, da concepção do rap enquanto música/canção<sup>7</sup>. O próprio significado da palavra rap (rythm and poetry), ritmo e poesia, pressupõe que o gênero rap em sua totalidade seja a fusão desses dois elementos principais que formam sua estética musical. Ou seja, mesmo que não seja possível nesta breve reflexão nos determos nos ritmos, texturas sonoras e instrumentais dos raps de Baco Exu do Blues, a título metodológico, fica posto que a busca poético-textual de qualquer artista de rap não poderia se dar apenas na experiência da letra/leitura, mas imprescindivelmente na escuta do mesmo<sup>8</sup>. À luz da teoria da canção de Luiz Tatit<sup>9</sup>, Carlos Eduardo Calvani, ao analisar a presença da religião em canções da Música Popular Brasileira afirma: "Se um texto é criado com a finalidade de ser cantado, deve ser estudado na forma como foi concebido. No gênero 'canção', letra, melodia e harmonia se mesclam e uma relação

---

<sup>6</sup> Baco Exu do Blues, "Esú", Álbum Esú (999, Salvador, 2017).

<sup>7</sup> SEGRETO, Marcelo. A linguagem cancional do rap. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

<sup>8</sup> Em nossa experiência, até mesmo o ato de ler no papel uma letra de rap já decorada, tanto o ritmo, as pausas e as estrofes da música são lidas a partir da interpretação melódica do rapper. Assim, compreende-se que mesmo a evidente importância da letra, o rap disponibiliza múltiplos caminhos de escuta, leitura e análise.

<sup>9</sup> TATIT, Luís. Semiótica da canção – a relação entre melodia e letra na canção popular brasileira. São Paulo, Escuta/USP, 1994, p. 237.

dinâmica de significados verbais efeitos linguísticos conduzidos por um ritmo particular”<sup>10</sup>.

Estabelecidas algumas demarcações teóricas importantes, interessa-nos ao longo deste artigo (1) compreender aquilo que Baco Exu do Blues entende por “poesia de escória”, em seguida, (2) analisar o tom erótico de alguns versos do seu rap e por fim, (3) localizar o papel que as religiões, seus mitos e símbolos exercem em toda sua música e poesia. Nossa hipótese é de que a linguagem religiosa e erótica, além de íntimas nas obras de Baco, mobiliza seu mundo musical, poético e simbólico. Esperamos que o caminho aqui proposto contribua para a valorização da música rap enquanto um fenômeno promissor para os estudos nas Ciências da religião.

## **1. Uma tentativa de conceituação: “Poesia de escória”**

*No princípio era verbo e meu verso é o fim*  
Baco Exu do Blues

No grande campo dos estudos do hip-hop no Brasil, o rap já foi visto como educação<sup>11</sup>, como uma agência de “letramentos de reexistência”<sup>12</sup>, como elemento imprescindível na construção da subjetividade do “sujeito periférico”<sup>13</sup>, como um manifesto do “fim da canção” nacional<sup>14</sup>, como discurso político da “vida social brasileira”<sup>15</sup>, como literatura<sup>16</sup>, enfim, muitas são as definições para o gênero musical nascido nas mediações “do Atlântico negro”, criado

---

<sup>10</sup> CALVANI, Carlos Eduardo. Religião e MPB: um dueto em busca de afinção. Revista Eletrônica Correlatio. v. 14, nº 28, p.29-54, dez., 2015, p. 43.

<sup>11</sup> ANDRADE, Elaine Nunes (org.). Rap e educação, rap é educação. São Paulo: Summus, 1999.

<sup>12</sup> SOUZA, Ana Lúcia Silva. Letramentos de Reexistência: Poesia, Grafite, Música, Dança: Hip-Hop. São Paulo, Parábola, 2011.

<sup>13</sup> D’ANDREA, Tiarajú Pablo. A formação dos sujeitos periféricos: Cultura e Política na periferia de São Paulo. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

<sup>14</sup> OLIVEIRA, Acaum Silvério. O fim da canção? Racionais Mc’s como efeito colateral do sistema canção brasileiro. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2015.

<sup>15</sup> CAMARGOS, Roberto. Rap e política: Percepções da vida social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2015.

<sup>16</sup> MALMACEDA, Ana Laura Boeno. A literatura nas canções dos Racionais Mc’s: uma análise comparatista à luz de Rubem Fonseca, Paulo Lins e Ferréz. Dissertação (Mestrado em Estudos Brasileiros) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Portugal, 2017.

na diáspora por meio de “vínculos de consolação através da mediação do sofrimento”<sup>17</sup>. Para Mano Brown, um dos maiores rappers do Brasil, sua missão é “contar histórias negras que não são contadas na escola”<sup>18</sup>. Dessa forma, compreende-se que o rap, enquanto “poesia negra da diáspora” (FONSECA, 2019), como potencia poética reativa de um corpo negro socialmente excluído (FONSECA, 2019, p.140), opera por meio da linguagem a:

possibilidade de dizer de si, produzindo uma estética do devir, articulando linhas de fuga. Os afrorrizomas da diáspora desmontam estruturas biopolíticas reguladoras da existência na voz, na batida sampleada, nas cores do grafite sobre o cinza, no gesto maquínico do break, no campo de batalha produzido pela vida de desigualdades e exclusões nas periferias do mundo<sup>19</sup>.

A partir dessa tradição intelectual, poética e musical, Baco Exu do Blues, como um jovem negro e nordestino, apropria-se do rap como oportunidade para expressar e organizar suas ideias: “O que me fez partir pro rap foi problema de comunicação, não conseguia me comunicar com as pessoas”<sup>20</sup>. O pagode baiano, a vivência nas “festas de largo” e o próprio *blues* se constituem como forte influência no seu processo de escrita<sup>21</sup>. Grupos como Exaltasamba, Nação Zumbi e Racionais Mc’s, músicos norte-americanos como BB

---

<sup>17</sup> GILROY, Paul. O atlântico negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012, p.13.

<sup>18</sup> Pode Crê!. Entrevista: Brown. In: Pode Crê!: música, política e outras artes. São Paulo: PDH/SOS Racismo do Geledés – Instituto da Mulher Negra, ano I, n. 1, fev./mar. p. 13-14, 1993, p.13.

<sup>19</sup> FONSECA, Silvana Carvalho da. O rap como poesia negra da diáspora: modos de dizer, modos de fazer literatura. *Critica Educativa*, p. 135-145, jan./jul. 2019, p. 139.

<sup>20</sup> BACO EXU DO BLUES. 2016. Rapbox, Casa1 (YouTube). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XiuNULSedD8&t=401s>. Acesso em: 29 jun. 2021.

<sup>21</sup> “Eu posso ter sempre gostado de rap, tá ligado, mas antes de colar nos rolê de rap eu colava nos rolê de pagode de lá de Salvador. Tipo, rolê de pagode é vivência é, tipo, tudo o que acontece em todo gueto de Salvador você vai ouvir na música ali. (...) A real do que eu via na rua, do que eu via acontecendo, era o que tava nas letra de pagode. (...) Pagode é um dos bagulho que mais acrescenta na minha escrita porque, tipo, eu tenho muito a parte literal, a parte literária existe muito na minha vida, tá ligado? Eu leio muito, pá, tudo. Só que a parte da vivência foi passada bem mais com o pagode, tá ligado?” (BACO EXU DO BLUES, 2016).

King e Sony Boy Williamson, além dos clássicos da literatura brasileira (Machado de Assis, Drummond e Jorge Amado), preenchem o imaginário simbólico, cultural e religioso daquilo que Baco conclama em diversas músicas como “o renascimento da poesia de escória”: “Escreba doem nossas memórias na sua oratória / Somos o que coexiste nas parábolas e parabólicas / Morte simbólica, moral da história: / Nós somos o renascimento da poesia de escória”<sup>22</sup>.

A liberdade estética do rap permite a multiplicidade de sons, estilos e propósitos a depender da região e dos atravessamentos sociais implicados no fazer artístico do *mc*. Que o rap é um fenômeno da vida política dos sujeitos não há dúvidas, ao passo que, não sem contradições, cada rapper gerencia sua carreira, suas ênfases ideológicas e preferências musicais. Mas afinal, então, o que seria a “Poesia de escória”? Assim como diversos rappers assumem para si títulos como “rap de mensagem”, “rap consciente”, “rap ostentação”, entre outros, nos parece que “poesia de escória” é uma marca identitária, um modo poético-musical original, o conceito/traço estilístico que o rap assume na lírica de Baco. Em alguns minutos de pesquisa sobre a obra de Baco Exu do Blues, seja em músicas, entrevistas ou textos de internet, termos como “rap sujo”, “poesia de escárnio” e sentimentos relacionados à melancolia/depressão são comuns.

Em entrevista com Léo, importante produtor do canal Rapbox, ao relatar sobre suas experiências nas festas de largo e como toda a cultura baiana influencia seu mundo simbólico, Baco diz:

Você ir numa festa de largo em Salvador você vai ver, tipo, um filme de Tarantino ao vivo na sua frente assim, mano, e tipo, é muito louco e é muito foda mesmo, tipo, um bagulho pra você bater palma no final. Muita gente acha que é só violência, sexo, droga, mas tipo, mano, a vida não é uma caixinha, tá ligado? Não é uma bolha. A vida é suja mesmo e tipo, é isso o que acontece. Ali é tipo, o ser humano na sua melhor fase, que é a fase verdade<sup>23</sup>.

Tal contexto das festas populares baianas localizadas nos “largos” (áreas consideradas como pátio das igrejas), onde no centro da cidade, religião, cultura e carnaval se misturam, nas palavras de Baco, favorecem a percepção da face mais real e verdadeira do ser humano. Vida “suja” não seria simples qualidade moral de depravação, de carnalidade ou profanação. O termo “sujo” nada mais é do que o ser humano em sua plena e potente contradição existencial, vivendo a vida como ela é, como ela acontece integral e

---

<sup>22</sup> Baco Exu do Blues, “Tropicália”, Single (Casa1, São Paulo, 2016).

<sup>23</sup> BACO EXU DO BLUES, 2016.

verdadeiramente. No refrão de sua canção *Sulicídio*, em parceria com Diomedes Chinaski, por exemplo, Baco repete como um mantra: “Bate cabeça ladrão, bate que bate cabeça ladrão, é Oldsgraça e Chave-mestra, *rap sujo* proibidão”. Apesar das gírias e a menção do nome de grupos internos de que fazem parte, é possível entender que “rap sujo proibidão” é evocado como uma marca característica de uma música provocativa, com expressas intenções “incendiárias”, que objetiva colocar em pauta as ambiguidades sociais e morais que a vida impõe principalmente aos sujeitos negros e periféricos. Fica, assim, explícita sua intenção/motivação poética: trazer “um punhado de rima oblíqua”<sup>24</sup>, afirmar que “a Bahia tem o rap mais agreste do Brasil”<sup>25</sup>, que “a lei áurea é todo verso”<sup>26</sup> que ele escreve, além de deixar claro a todo público que “isso aqui é rap sujo, não é rap de bom moço”<sup>27</sup>.

O contexto social, musical e simbólico em que se dá a construção da “poesia de escória”, além de sujo, tem a capacidade de acolher e desenvolver diversos tipos e sentidos de “caos”. Mas o caos que é expresso por Baco parece ser conhecido e confortável para o rapper. O caos é o *modus operandi* de seu mundo: “As vozes dos bêbados / Risadas gritos / Garrafas quebrando, as drogas, os conflitos / As luzes da cidade, batuque, tiro / Gemidos, briga é um caos tão bonito”<sup>28</sup>. Esse caos atrela-se a experiências absurdas, polêmicas, a relatos contraditórios e grotescos. Em sua estética poético-musical, Baco recorre constantemente como ferramenta retórica-discursiva o que ele chama de “poesia de escárnio”:

Quando eu encontrei Mobb, juntei com ele e peguei toda a identidade do que a gente tem junto, essa resolução de rap sujo, tá ligado? E tipo, ser aquela poesia de escárnio, aquela poesia da gozação, da brincadeira, tipo, chega a ser ofensivo pro ouvido da pessoa (...) Uma das formas de poesia é a poesia de escárnio, que é a poesia ofensiva. Que tipo, por mais que ela seja ofensiva, ela ainda é uma poesia qualificada. Não é porque ela é ofensiva que ela é... tipo, [é] a poesia do absurdo. Ela vai pegar você pelo absurdo e a partir do absurdo você vai entender o que ela tá tentando dizer. Porque, tipo,

---

<sup>24</sup> Baco Exu do Blues, “RXPJXZZ”, Ep Oldmonkey (999, Salvador, 2015).

<sup>25</sup> Baco Exu do Blues, “RXPJXZZ”, Ep Oldmonkey (999, Salvador, 2015),

<sup>26</sup> Baco Exu do Blues, “Imortais e fatais”, Albúm Esú (Cremenow Studio, 2017).

<sup>27</sup> Baco Exu do Blues, “Serra leoa”, Ep Oldmonkey (999, Salvador, 2015).

<sup>28</sup> Baco Exu do Blues, “Capitães de areia”, Albúm Esú (Cremenow Studio, 2017).

é uma coisa tão absurda que você não vai levar pro lado literal<sup>29</sup>.

A relação entre “rap sujo”, caos, absurdo e “poesia de escárnio” é evidente na “poesia de escória” de Baco. Ele desenvolve um tipo de “rap trovadoresco”, brincante e muitas vezes escandaloso. Tanto que, constantemente o rapper baiano é interpelado por fãs e *haters* que pedem explicações de suas rimas<sup>30</sup>. Se concordamos ou não com as críticas, fato é que Baco Exu do Blues é dono de uma música esteticamente provocante, poeticamente desconcertante e simbolicamente “suja”: “Baby, nem todo poeta é sensível / Eu sou o maior inimigo do impossível / Minha paixão é cativo, eu me cativo / O mundo é lento ou eu que sou hiperativo? / Me escuta, quem cê acha que é ladrão e puta? / Vai me dizer que isso não, não te lembra Cristo?”<sup>31</sup>.

Na intenção de cercar conceitualmente a “poesia de escória” de Baco, observa-se ainda que a melancolia e a subjetividade de sentimentos ligados à depressão são iminentes. Inclusive, a morte dialoga constantemente com versos políticos, românticos ou de cunho religioso. Mesmo antes do rapper se pronunciar sobre o fato de oscilar entre quadros de depressão, por meio de alguns versos e videoclipes já seriam suficientes para constatar o tom melancólico de sua “poesia de escória”:

Onde eu guardei o cano? / Hoje ele encosta no meu ouvido e fala: Te amo / Porra, eu te amo! / Isso é um pedido de socorro / Você está aplaudindo / Eu tô me matando, porra! / Eu tô me matando, porra!

---

<sup>29</sup> BACO EXU DO BLUES, 2016.

<sup>30</sup> Depois dos trechos “Tá tudo confuso como os meus sonhos eróticos com a Beyoncé”(Me desculpa Jay-Z) e “Depois que Jay Z ficou estéril Beyoncé me ligou perguntando se eu doou semen” (Blackstreetboys), o rapper foi acusado pelo público de sexualizar a figura da cantora norte americana Beyoncé. Ao explicar em suas redes sociais o episódio ele disse: “É muito complicado como a arte é vista de forma literal no Brasil (...) Eu tô, desde 'Me desculpa Jay-Z', criando um paralelo com o nome da 'Bey' e a perfeição, o inalcançável ou impossível. Em momento nenhum faltei com respeito (...) Eu faço poesia de escória. Minha missão é te chocar com algo que soe absurdo ou impossível para você procurar o verdadeiro sentido dessa frase”. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2019/07/24/baco-exu-do-blues-e-criticado-por-citacao-a-beyonce-em-musica-e-se-defende-missao-e-chocar.ghtml>. Acesso em: 29 jun. 2021.

<sup>31</sup> Baco Exu do Blues, “Bluesman”, Álbum Bluesman (Selo EAEO Records, São Paulo, 2018).



/ Eu tô me matando / Você tá aplaudindo e eu tô  
me matando / Eu tô me matando<sup>32</sup>

Como Britney em 2007 / Meio incompreendido / Me matei em gravação / Posso fazer isso ao vivo / Bebo da depressão / Até que isso me transborde / Vencer me fez vilão / Eu sou Minotauro de Borges<sup>33</sup>

Baco parece caminhar entre a vida e a morte, entre o mundo tangível e aquele que lhe escapa, entre a (in)certeza da morte e a possibilidade da eternidade. O álcool, o cigarro e o sexo, presentes em quase toda narrativa seja melancólica ou festiva, são dispositivos que aparecem como escape, e ao mesmo tempo como “objetos” com os quais ele liberta, controla, provoca e experimenta a própria vida. Como Paul Gilroy afirma à luz de W.E.B du Bois, por meio da construção de “culturas da consolação”, formas culturais que fazem a mediação entre o sofrimento e a sobrevivência do povo escravizado, são desenvolvidas, principalmente através das músicas do “Atlântico negro”, estéticas e contraestéticas que ajudam a lidar com o ser e o pertencer que a diáspora impôs a experiência negra<sup>34</sup>. Como filho da diáspora, ao fazer a junção entre “rap sujo”, “poesia de escória” (caos e absurdo) e melancolia em sua “poesia de escória”, começamos a traçar um pouco mais sobre o mundo social, o perfil psicológico e mítico-simbólico da música de Baco. Ter esses três aspectos em mente nos ajuda a compreender o que Baco Exu do Blues, ao se autoproclamar “Rei da poesia de escória”, quer expressar/traduzir ao seu público: “150 por hora, nome gravado na história / Imortal na sua memória / Rei da poesia de escória / Rei da poesia de escória”<sup>35</sup>.

## **2. Amor erótico e *lovesongs* na obra “bacoexuniana”**

*A vitória é gloriosa, tipo cigarro depois do Sexo*  
Baco Exu do Blues

Depois de traçarmos três características estruturantes da “poesia de escória”, passemos às temáticas a assuntos abordados por Baco. Não que esses elementos estejam fixos e definidos. Nem sua estética poética e nem os temas abordados pelo rapper são elementos estanques. Neste momento, interessa-nos analisar alguns

---

<sup>32</sup> Baco Exu do Blues, “En tu mira”, *Álbum Esú* (Cremenow Studio, 2017).

<sup>33</sup> Baco Exu do Blues, “Minotauro de Borges”, *Álbum Bluesman* (Selo EAEO Records, São Paulo, 2018).

<sup>34</sup> GILROY, 2012, p.13.

<sup>35</sup> Baco Exu do Blues, “Minotauro de Borges”, *Álbum Bluesman* (Selo EAEO Records, São Paulo, 2018).

versos eróticos, suas intersecções e ecos em seu público. A começar pela música *Te amo desgraça*, que levou o prêmio Multishow na categoria canção do ano em 2018, as músicas *Girassóis de Van Gogh*, *Me desculpa Jay-Z* e *Flamingos* contribuíram para a fama que Baco Exu do Blues conquistou ao longo de sua carreira como um rapper de *lovesongs*, ou seja, um compositor de rap versado em narrativas românticas e eróticas. Basta acessar Letras.mus.br ou o site Vagalume, ambos especializados em letras de todo gênero musical, que na sessão do artista em questão, as canções citadas acima sempre estão em alta como as mais procuradas pelo público. Mas não nos enganemos, a temática do amor e das relações afetivas fazem parte da história do rap nacional. Com formas e experiências distintas, o amor é cantado desde Thaide e Racionais MC's, Emicida e Criolo, à Djonga, Alice Guél<sup>36</sup> e Baco Exu do Blues. Mas algo chama nossa atenção. Alguns rappers das gerações mais recentes como os últimos três citados, versam sobre o amor por meio de uma linguagem erótica, religiosa, vulgar, não-normativa e cada vez mais livre. Nossa breve hipótese é de que uma nova geração do rap nacional cresceu com referências mais próximas da ascensão midiática do funk brasileiro e da popularização de sua linguagem sexual cada vez mais explícita, certamente, influenciando toda música periférica produzida no país (pagode, axé, brega funk, etc).

Voltando a nossa discussão, para algumas notas iniciais sobre a temática do erotismo e o seu lugar na obra de Baco, três questões aparecem como possibilidade de caminho: (1) a mistura entre um tipo *gangster* e malandro de amor, (2) sua qualidade dionisíaca e (3) a liberdade sexual e a experiência erótica enquanto uma espécie de união mística de seu mundo mítico-simbólico. Sobre o primeiro aspecto apontado, os tipos “*gangster*” e “malandro” em que o amor se apresenta na obra ficam evidentes não só através dos versos<sup>37</sup>.

---

<sup>36</sup> No artigo *Um corpo herético no rap: uma teopoética erótica em Alice Guél* (ROCHA, 2020), por exemplo, tentamos fazer um exercício parecido a partir da experiência erótica e religiosa de uma rapper chamada Alice Guél. Ali chegamos a conclusão de que a experiência erótica de um corpo negro e travesti constrói novas narrativas teológicas e políticas por meio do rap.

<sup>37</sup> Constantemente Baco repete em suas músicas o termo “Facção carinhosa”, espécie de *slogan* do seu grupo, dando a entender a dualidade entre a figura do *gangster* (“facção”) e do malandro galanteador (“carinhosa”). Por um lado a “facção” dá o tom criminoso, violento e real das narrativas e por outro, o termo “carinhosa” resgata essa outra face romântica, sensual e erótica dos versos: “mano ela avisou pra você/ quer ser gangstar encontre o ponto G” (Tropicália, Casa1, São Paulo, 2016). Interessante notar ao mesmo tempo que, tanto a música chamada *Facção carinhosa* como a *Lovesong* não seguem a tendência romântica e sensual

Muitas de suas músicas misturam um tom romântico em ritmos lentos e envolventes ao mesmo tempo em que a intensidade da clássica batida *boom bap* do rap marca a dinâmica “bumbo-caixa”, de forma a não se confundir com nenhum outro gênero musical. Nos cliques e shows, as roupas largas, correntes no pescoço e a performatividade agressiva misturam-se a mulheres em roupas íntimas, refrãos melódicos e sensuais de vozes femininas, como o caso das músicas *Ela é gostosa pra Caralho*, *Presa em casa cheia de tesão* do seu último disco e as clássicas *Te amo desgraça*, *Girassóis de Van Gogh* e *A pele em que habito*.

O conceito “Bluesman” usado em seu segundo álbum completo, resgata características do imaginário daquele homem negro norte-americano que, largado a própria sorte no pós-abolição, constrói-se entre um quadro de sofrimento, violência e depressão. Em uma condição racial e sócio-econômica de extrema vulnerabilidade as populações afro-diaspóricas se reinventaram a partir da música, da arte e do trabalho. A vida acontecia entre o perigo do dia e da noite, a boemia dos bares, a brevidade dos amores, a condição de marginalidade e o que isso implica, e as mais diversas estratégias de sobrevivência e rearticulação da comunidade negra. A imagem social e simbólica negativa do homem negro como vadio, criminoso e malandro/perigoso, formam o estereótipo daquele que seria chamado pela sociedade branca norte-americana de “Bluesman”. Mas agora, tal “personagem tipo” parece influenciar positivamente em todos os sentidos a experiência poética e identitária de Baco<sup>38</sup>. Esse arquétipo do *bluesman* acaba sendo a convergência de tipos “gangsters” (criminosos) e malandros (boemia), criando a dialética discursiva de um amor perigoso, violento e sensual:

---

de outras músicas, mas o contrário, fazem uma inversão de sentidos com agressividade e revolta.

<sup>38</sup> Na última canção do álbum *Bluesman* há uma narração significativa sobre o que Baco entende sobre essa figura chamada “Bluesman” que rotula e compõe a identidade do seu trabalho: “O que é ser Bluesman? É ser o inverso do que os outros pensam. É ser contracorrente. Ser a própria força, a sua própria raiz. É saber que nunca fomos uma reprodução automática. Da imagem submissa que foi criada por eles. Foda-se a imagem que vocês criaram. Não sou legível, não sou entendível. Sou meu próprio Deus, meu próprio santo, meu próprio poeta. Me olhe como uma tela preta, de um único pintor. Só eu posso fazer minha arte. Só eu posso me descrever. Vocês não têm esse direito. Não sou obrigado a ser o que vocês esperam. Somos muito mais” (“BB King”, Selo EAEO Records, São Paulo, 2018) .

Sofro de violência crônica / Eu sou um cronista /  
Adidas sujo de sangue a cada conquista / Eu sou  
Bahia / Mas vermelho e preto são as cores da pista  
/ Essas rimas são mais surreais / Que um quadro  
de Salvador Dali / Fugindo da tela / Eu tenho o  
mundo na minha mão / Na outra mão eu tenho a  
buceta dela / Na outra mão eu tenho a buceta dela  
/ Foda-se o mundo eu quero a buceta dela<sup>39</sup>.

A segunda característica que identificamos no imaginário romântico de Baco Exu do Blues advém do seu próprio nome. Na mitologia grega, Dionísio, conhecido entre os romanos como Baco, é considerado o deus do vinho e dos prazeres, das festas e das orgias ritualísticas. Como se fosse o próprio Baco mítico ou mesmo Exu – conhecido popularmente na umbanda como orixá de índole vaidosa dentro da linha dos malandros –, o rapper narra uma série de experiências espirituais, sexuais e poéticas. Ele mistura a sensualidade do funk, a loucura do vinho, a liberdade do cigarro e a carnalidade orgiástica mais intensa que alguns ouvidos possam já ter escutado:

Vai, senta firme / Vai, senta, senta, senta (Eu sou  
Exu) / Vai, senta firme / Vai, senta, senta, senta  
(Facção Carinhosa, ey, ey) / ... / Bebendo vinho /  
Quebrando as taça / Fudendo por toda casa / Se  
divido o maço, eu te amo desgraça / Eu te amo,  
desgraça / Eu te amo, desgraça / Eu te amo, de  
graça / Te amo, desgraça / Fudendo no banheiro  
do bar / Embriagados, gritando que a cidade é  
nossa / Fudendo no banheiro do bar /  
Embriagados, gritando que a cidade é nossa<sup>40</sup>.

Esse amor de características "dionisiacas" embriaga muitas canções de Baco. Como é próprio do mundo mítico-poético de sua "poesia de escória", a mistura "suja" entre o desejo e o caos, o amor e a desgraça, fundamentam o solo onde são construídas suas verdades, valores e sentidos. O ato sexual e o erotismo descritos em suas letras é a representação de uma dinâmica material/imaterial que transcende o próprio corpo social indo em direção a introspecção (corpo espiritual), ou aquilo que o filósofo Georges Battaile chama de "experiência interior": "O erotismo é um dos aspectos da vida

---

<sup>39</sup> Baco Exu do Blues, "Oração à vitória", Álbum Esú (Cremenow Studio, 2017).

<sup>40</sup> Baco Exu do Blues, "Te amo desgraça", Álbum Esú (Cremenow Studio, 2017).

interior do homem”<sup>41</sup>. Esse desejo de intimidade e de acesso interior por meio dos relatos eróticos de Baco vislumbra uma experiência de união mística em busca de eternidade: “Gozo dentro e sinto que eu crio vida / Siririca no gatilho e sinto que eu tiro vida / Somos onipotentes minha querida / Imortais mesmo que em memórias esquecidas”<sup>42</sup>. “Gozar dentro” para Baco é sinônimo de poder divino do tempo, é ter o poder de criação (vida/morte) em suas mãos. É estar dentro e participar do próprio ser divino e(m) sua eternidade. Para Bataille, o ser humano é um ser descontínuo (finito) em busca de continuidade (eternidade). O erotismo seria a forma mais próxima de alcançar a continuidade em uma realidade humana descontínua. Assim, mediando a experiência entre vida e da morte, o erotismo é próprio *ethos* do ser-humano, podendo apresentar-se nas formas “erotismo dos corpos”, “erotismo dos corações” e o “erotismo sagrado”. Para a nossa reflexão basta a noção de que o erotismo corresponde à interioridade do desejo, ou seja, à “experiência interior” (mística). E ela (a experiência interior) é dada no instante em que o homem supera a consciência puramente objetiva e material, como por exemplo, no ato sexual, e integra-se e dilui-se num outro ser ou realidade<sup>43</sup>:

O erotismo, já o disse, é a meus olhos o desequilíbrio em que o próprio ser se coloca em questão, conscientemente. Em certo sentido, o ser se perde objetivamente, mas então o sujeito se identifica com o objeto que se perde. Se for preciso, posso dizer, no erotismo: EU me perco<sup>44</sup>.

Se temos a compreensão do erotismo enquanto experiência interior, podemos compreender nessa terceira característica do amor erótico em Baco, a capacidade que o rapper manifesta em seus versos de se perder de si mesmo no ato sexual: “Sempre que eu gozo dentro, eu me sinto profano / Ela sorri e fala: Baco, eu te amo / Se lembre: Você é humano / Cê é forte, aguente o dano / Dominar o mundo não é mais só um plano”<sup>45</sup>. Há uma certa confusão entre a dimensão sagrada e profana que rodeia seu imaginário poético-religioso; existe a dúvida se ele é ou não é um ser divino; ora profano

---

<sup>41</sup> BATAILLE, Georges. O erotismo. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p.53.

<sup>42</sup> Baco Exu do Blues, “Oração à vitória”, Álbum Esú (Cremenow Studio, 2017).

<sup>43</sup> BATAILLE, 2017, p. 62.

<sup>44</sup> BATAILLE, 2017, p. 55.

<sup>45</sup> Baco Exu do Blues, “BB King”, Álbum Bluesman (Selo EAEO Records, São Paulo, 2018).

ora sagrado. Tamanho é o conflito que é preciso lembrá-lo, de alguma forma, de que ele seria “humano”. Tais reflexões não encerram outras percepções da dimensão erótica do amor em Baco Exu do Blues. É, inclusive, a partir dessa relação entre o erotismo e a religião que partiremos para o próximo e último item deste artigo. Se a poesia conduz ao erotismo, à eternidade e à “continuidade” como afirmou Georges Bataille<sup>46</sup>, a obra “bacoexuniana” certamente contribui para o fortalecimento e reconhecimento da complexidade poética, político-filosófica e teológica das chamadas *lovesongs* de Baco. Aclamado ou odiado por esse estilo, o rapper sempre deixa seu recado: “Suas palavras não vão me ofender / Apaga a luz tente me entender / Sinta a África pra me entender / Transe ao máximo pra me entender / Não tema a morte pra me entender / Enquanto cê tiver limite não vai me entender”<sup>47</sup>.

### **3. Religiões e mitos: a construção do mundo mítico-poético de Baco**

*Jerusalém que se foda eu tô a procura de Wakanda*  
Baco Exu do Blues

O filósofo Peter Sloterdijk em sua obra *Pós-Deus* traça um panorama histórico, teológico e social sobre a clássica “questão de Deus” para a filosofia antiga e contemporânea, tentando compreender ecos de Deus e da “morte de Deus” na história e na cultura tecnológica atual. No capítulo *O imperativo místico: Observações sobre a mudança de forma do religioso na Modernidade* Sloterdijk traça um panorama geral sobre quais seriam as diferenças entre o mundo medieval e a sociedade moderna. Primeiro, a sociedade moderna é vista como um “mercado de confissões burguesas”, plural e privada. Tal mercado moderno “esclarecido” substitui a guerra civil das confissões absolutizadas pela “tolerância sobreconfessional” relativa<sup>48</sup>. Em segundo lugar, para o filósofo alemão, “após o esclarecimento”, a religião apoia-se na “cooperação entre formas confessionalmente domadas de religiosidade positiva e um ateísmo piedoso em função crítica”<sup>49</sup>. Com uma forma de transcendência já não mais específica ou pública,

---

<sup>46</sup> BATAILLE, 2017, p. 48.

<sup>47</sup> Baco Exu do Blues, Kanye West da Bahia”, Álbum Bluesman (Selo EAEO Records, São Paulo, 2018).

<sup>48</sup> SLOTERDIJK, Peter. *Pós-Deus*. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2019, p.244.

<sup>49</sup> SLOTERDIJK, 2019, p.245.

Sloterdijk considera que “todas as manifestações do íntimo são, inevitavelmente, ‘projeções’ inadequadas do indizível sobre a exterioridade da língua”<sup>50</sup>. Para o filósofo, a relação que se faz hoje da religião fundamenta-se num “imperativo místico” baseado não mais em “grandes pacotes dogmáticos”<sup>51</sup>, mas num certo “poliglotismo de Deus”<sup>52</sup> aonde “todas as reservas das tradições são ativadas”<sup>53</sup> na intenção de crer de “olhos abertos”<sup>54</sup>.

Na tentativa de buscar “respostas na constituição da linguagem religiosa, em analogia à linguagem literária e poética”<sup>55</sup> de Baco Exu do Blues, partimos do pressuposto de que as “tradições religiosas versam sobre o mundo basicamente de duas formas: por meio de narrativas labirínticas e de imagens fantásticas. Trata-se do mito e das metáforas religiosas”<sup>56</sup>. Se os símbolos e as metáforas religiosas mediam a experiência do ser humano com o mundo e com a cultura; se as “experiências interiores” são como projeções plurais do indizível articulada por meio da linguagem, como Peter Sloterdijk afirmou; se a linguagem poética, assim como a religião, são formas de “habitar”, traduzir e significar o mundo, acreditamos que os elementos míticos e religiosos do rap de Baco exercem um papel estruturante em toda a sua construção simbólica e poética. Assim, acreditamos que a religião em Baco Exu do Blues pode se dar em três possibilidades principais: (1) a afirmação de uma constante dialética profana/sagrada, (2) a pluralidade de experiências sagradas e mitologias mencionadas e (3) o resgate e a valorização de símbolos, elementos e figuras sagradas negras em oposição a certas concepções da branquitude sobre as religiões. Esses três momentos vão servir para localizar o papel das religiões como presença imprescindível tanto na estrutura de sua “poesia de escória” como na mobilização de significados eróticos e românticos.

Para começar, observa-se ao longo da obra bacoexuniana a prerrogativa religiosa que permeia qualquer aspecto da narrativa poética. Se o assunto é amor, sexo, política, violência, empoderamento ou masculinidade a religião está sempre presente. Em versos melancólicos, eróticos, de escárnio ou sobre uma realidade dita “suja”, ali estão os deuses e os mitos. Dessa forma, é preciso ressignificar não só o conceito de religião, como foi feito no

---

<sup>50</sup> SLOTERDIJK, 2019, p.249.

<sup>51</sup> SLOTERDIJK, 2019, p.256.

<sup>52</sup> SLOTERDIJK, 2019, p.251.

<sup>53</sup> SLOTERDIJK, 2019, p.257.

<sup>54</sup> SLOTERDIJK, 2019, p. 259.

<sup>55</sup> NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org.). São Paulo: Paullus, 2015, p. 119.

<sup>56</sup> NOGUEIRA, 2015, p. 117.

início deste item. Palavras como “mito”, “imaginação”, “ficção”, “metáfora” ou “símbolo”, precisam sair da simplificação moderna binária de “verdadeiro/falso”, “real/irreal”, “mito/mentira” ou “fato/ficção”: “Todas essas concepções de mundo e de realidade são construções sobre o mundo e são historicamente datadas. A realidade é basicamente um fluxo caótico e amorfo de eventos. Nós a ordenamos por meio de modelos de interpretação, que tomamos por realidade”<sup>57</sup>. Enquanto seres hermenêuticos, modelos de interpretações poéticos, religiosos, míticos ou mesmo ditos racionais, são adotados por meio de um conjunto de símbolos que, através dos acordos da linguagem, dão forma a determinado mundo:

“O mundo é fruto da nossa imaginação / Será que somos deuses ou sua criação / O mundo é fruto da nossa imaginação / Será que somos deuses ou sua criação / Sua criação, sua criação / Nós somos deuses ou sua criação”<sup>58</sup>.

Baco convida o seu ouvinte a entrar numa experiência sócio-sonora que visa romper com as fronteiras, os conceitos e a lógica branca, ocidental, racionalista e cristã. Sua intenção desde o começo foi apresentar outras perspectivas e narrativas, a começar pelo seu nome: “A galera falava muito que Exu era o demônio, tá ligado? E tipo, eu já sabia que não era o demônio e eu queria mostrar pras pessoas que não era o demônio, mas tipo, fazer a analogia com que as pessoas meio que tomassem aquele susto inicial e entendesse que não era aquela parada”<sup>59</sup>. Outro exemplo é o seu disco de 2017 chamado *Esú*. Com a utilização dessa palavra de origem ioruba que significa “Exu”, Baco insere “Esú” na capa do disco no meio da palavra “Jesus” (*Jesus*). Ele risca com um “X” as letras “J” e “s” que formariam a palavra Jesus, colocando em evidência “Esú”. O que a princípio pode se enxergar como uma crítica à “Jesus”, como veremos, torna-se uma crítica à imagem racial/racista e teológica que é atribuída historicamente à Jesus pelo branco ocidental. Figuras e elementos como Ícaro, Aquiles, olimpo, Pegasus, Cérbero, Minotauro, misturam-se à Buda, orixás, “Saravás”, karma, paraíso, Adão, Eva, Bíblia, versículos e muitos outros símbolos de experiências e tradições religiosas diversas. Baco demonstra um amplo conhecimento de mitologias e histórias “sagradas”. Ele faz parte de uma tradição do rap nacional que utiliza não só a Bíblia como parte do imaginário poético, mas faz uso constante dos mitos

---

<sup>57</sup> NOGUEIRA, 2015, p. 125.

<sup>58</sup> Baco Exu do Blues, “Esú”, Álbum *Esú* (Cremenow Studio, 2017).

<sup>59</sup> BACO EXU DO BLUES, 2016.



como lugar de construção de sentido e significado para o seu mundo<sup>60</sup>. Há um “imperativo místico” contemporâneo em Baco Exu do Blues, um “poliglotismo” a respeito do sagrado e um rompimento crítico aos “pacotes dogmáticos”, onde as mais diversas tradições religiosas são constantemente “ativadas” como fontes de sentido e possíveis respostas<sup>61</sup>.

Com esse panorama introdutório podemos adentrar no primeiro ponto que consideramos relevante na análise da religião na obra de Baco. Como visto no item anterior, os versos românticos mobilizam dimensões místico-eróticas que cruzam aspectos do corpo, do coração e do sagrado: “Minha preta é rainha / Por isso eu não perco o trono / Minha preta é minha / E eu não perco o sono / Oral na minha mulher é minha oração / Oral na minha mulher é minha oração”<sup>62</sup>. Tal dialética propicia uma relação de afirmação do sujeito como protagonista tanto da experiência erótica como religiosa, e o corpo como mediador às vezes “sagrado” e às vezes “profano” dessa experiência. Deslocamentos e tensões sobre o que é ou não sagrado acontecem a todo instante: “Somos argila do divino manguê / Suor e sangue / Carne e agonia”<sup>63</sup>. Há uma disposição poética em “sujar” (profanar) ou consagrar coisas, objetos e lugares que não são normalmente “sacralizados” pelas religiões, principalmente a cristã. O corpo, as crises e as questões propriamente humanas têm prioridade nessa relação mística<sup>64</sup>. O ser divino e o ser-humano habitam o mesmo espaço, o mesmo corpo, os mesmos dilemas éticos e sociais. A dor e o sofrimento compõe o tom melancólico, dramático e depressivo que a vida impõe, ao passo que

---

<sup>60</sup>Para melhor compreensão da relação entre a religião e o rap nacional ver os artigos *No princípio era o rap: a construção do mito em Racionais MC's* (CAPPELLI; ROCHA, 2020) e *“Uma Bíblia velha, uma pistola automática”: imaginário bíblico na obra de Racionais MC's* (CAPPELLI; ROCHA, 2020a).

<sup>61</sup> SLOTERDIJK, 2019, p. 257.

<sup>62</sup> Baco Exu do Blues, “Te amo desgraça”, Álbum *Esú* (Cremenow Studio, 2017).

<sup>63</sup> Baco Exu do Blues, “Introdução Part. Kl Jay”, Álbum *Esú* (Cremenow Studio, 2017).

<sup>64</sup> “Se você tem nome de deus / Por que erra tanto? / Por que eu ainda canto? / Seus irmãos estão te odiando / Sua família você tá largando / Por que grita tanto? / Deus tá dormindo / Vai acabar acordando / Por que cê fala tanto de Deus? / É porque eu sou humano! / O público não entendeu / Por que você fala tanto de Deus / É porque sou um mano / Compra uma arma, quanto tá o cano? / Eu tô comprando / O deus que habita em mim, eu tô libertando / O flash está me cegando / O álcool está me matando / Minha raiva está me matando / Sua expectativa em mim, está me matando” (“Em tu mira”, *Esú*, Cremenow Studio, 2017).

essa condição “negativa” é o que define a beleza “sagrada” da experiência humana:

Escrevo em paredes / Em corpos na plebe / Na  
pele na linha tênue da epiderme / Da alma calma  
das linhas curvas das coxas de Vênus / Ao menos /  
Meu destino não está em um astro, casto, basta,  
basto / Astrólogos, diálogos diversos / Imerso no  
teor complexo / Que nos consome / A dor some ao  
ver que os deuses têm inveja dos homens<sup>65</sup>  
Sinto que o mundo tem medo de mim / Medo de  
mim / Metade homem, metade Deus e os dois /  
Sentem medo de mim / Componho pra não me  
decompor / Poeta maldito perito na arte de Arthur  
Rimbaud / Garçom, traz outra dose, por favor /  
Que eu tô / Entre o Machado de Assis e de Xangô /  
Soneto de boêmia, poesia, melancolia / Eu sou do  
tempo onde poetas ainda faziam poesia / Saravá! /  
O canto de Ossanha vem me matando / E quem  
canta os males espanta / Não tá mais adiantando<sup>66</sup>

Há na obra de Baco algumas possíveis definições sobre sua teologia, de como ele compreende os deuses e como esses estão intimamente ligados em sua persona poética:

“Os deuses são / Poetas vadios / Cochilam na ilha  
da linha do traço / Sua caneta no cio / Tem um  
toque macio / Se encurvam na estrutura da cura do  
abraço / Já eu sou poesia, tabaco e vinho / Dionísio  
e Baco sozinho / No mesmo espaço”<sup>67</sup>.

Como o seu próprio nome afirma, a teopoética de Baco Exu do Blues tem pelo menos três entidades sagradas distintas: Baco, Exu e o Blues<sup>68</sup>. Estas três entidades pertencem a mundos mítico-

---

<sup>65</sup> Baco Exu do Blues, “Esú”, Álbum Esú (Cremenow Studio, 2017).

<sup>66</sup> Baco Exu do Blues, “Esú”, Álbum Esú (Cremenow Studio, 2017).

<sup>67</sup> Baco Exu do Blues, “Esú”, Álbum Esú (Cremenow Studio, 2017).

<sup>68</sup> Afirmamos o Blues como uma entidade sagrada não só pela definição que Baco faz do blues na música *Bulesman*: “A partir de agora considero tudo blues. O samba é blues, o rock é blues, o jazz é blues. O funk é blues, o soul é blues, eu sou Exu do Blues. Tudo que quando era preto era do demônio. E depois virou branco e foi aceito, eu vou chamar de blues. É isso, entenda. Jesus é blues”; mas pelo mito que ele resgata em entrevista de que um homem (chamado na história de Robert Johnson), aspirante a músico e cantor de blues, havia feito um pacto com o diabo em troca da fama e do sucesso. Desde então, a figura do Bluesman é relacionada como alguém

simbólicos diferentes (greco-romano, africano e norte-americano) mas que de alguma forma se encaixam muito bem na narrativa de um jovem negro brasileiro. As três entidades habitam o mundo de maneira crítica e polêmica. A liberdade, o exagero e a contravenção estão no seu cerne:

Mano, eu sou Baco / Deus da putaria, da loucura e dos palcos / Eu não me governo / Sou minha empresa / Meu próprio governo / Meu amor sou eu mesmo / Sorri ao receber flores / No meu enterro / Eu sou eterno / Da geração dos iluminados / Dos raivosos incompreendidos / Dos que nasceram pra liberdade<sup>69</sup>.

Mediante ao contexto apresentado, constata-se a segunda característica da religião em sua obra: a pluralidade de experiências, tradições sagradas e mitologias articuladas por Baco. Em entrevista para a Revista Trip, Baco afirma que o seu show é como um ritual, “são várias pessoas que não se conhecem entregando a integridade física delas pra uma pessoa que elas não tem que confiar mas que por algum motivo elas confiam<sup>70</sup>. Sobre o “ritual” e o “bate-cabeça” que acontece nos shows ele explica: “é o corpo falando, se ligou? Quando ultrapassa o grito né? Quando cê precisa fazer alguma coisa pra mostrar que tá em êxtase com aquilo, não tem como ficar parado. É além<sup>71</sup>. Entre cigarros e cerveja Baco completa: “Eu acredito muito que Baco, Exu, Dionísio, Jesus, todos caminham juntos, se ligou? Se não, talvez, sejam a mesma persona. Eu acredito em tudo, de fato<sup>72</sup>. Essa múltipla pertença religiosa não demarcada por fronteiras específicas é uma característica marcante em Baco. Sua experiência poética e religiosa se dá na fluidez que é própria das divindades mais mencionadas em sua obra.

Como terceira característica da religião em Baco Exu do Blues, é possível identificar uma valorização radical e o resgate de símbolos, elementos e figuras sagradas sempre em oposição ao branqueamento das experiências e tradições religiosas europeias.

---

que, costumeiramente, faz algum tipo de pacto com as “forças das trevas” reforçando a ideia de que há uma relação “demoníaca” entre a vida boemia e a genialidade da música profana com favores do mal.

<sup>69</sup> Baco Exu do Blues, “BB King”, Álbum Bluesman (Selo EAEO Records, São Paulo, 2018).

<sup>70</sup> BACO EXU DO BLUES. 2018. Trip TV (Youtube). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=obC9-nfWoc&t=135s>. Acesso em: 29 jun. 2021.

<sup>71</sup> BACO EXU DO BLUES, 2018.

<sup>72</sup> BACO EXU DO BLUES, 2018.

Mesmo que Baco e Exu ganhem destaque em seus versos, não há como negar que Jesus também aparece de maneira relevante e contraventora. Com a quantidade de menções e versos em períodos diversos de sua carreira, seria possível, até mesmo, arriscar uma espécie de “cristologia negra marginal” em Baco Exu do Blues:

Meu som ajuda / Meu som é Buda vendo as bunda  
balançar / Vendendo coca na igreja / Jesus sou seu  
irmão casula (por favor) me proteja / Gozo,  
gasolina e breja molham o asfalto / Se o orgasmo é  
santo, escuto Cristo em seu grito alto / Pastores  
não entram no olimpo matando por esporte / Em  
nome do pai, do filho, do espirito santo olímpico<sup>73</sup>.  
Jesus, eu espanquei Jesus / Quando vi ele  
chorando, gritando, falando / Que queria ser  
branco, alisar o cabelo / E botar uma lente pra ficar  
igual / A imagem que vocês criaram<sup>74</sup>.

Jesus voltou, é o hip-hop, uma mulher preta / Com  
doze manos em meio a era das gangues / Puto com  
uma nove milímetro e 79<sup>75</sup>

A partir de agora considero tudo blues / O samba é  
blues, o rock é blues, o jazz é blues / O funk é  
blues, o soul é blues, eu sou Exu do Blues / Tudo  
que quando era preto era do demônio / E depois  
virou branco e foi aceito, eu vou chamar de blues /  
É isso, entenda / Jesus é blues<sup>76</sup>.

Sinta o poder se empodere como Exu do Blues / Se  
Jesus fosse branco ele não ia pra cruz / Sarava Oiê  
muito axé que os orixás me protejam dos gambé<sup>77</sup>.

Na experiência poética e religiosa do rap de Baco, Jesus não é branco, Jesus é o hip-hop, Jesus goza, Jesus não se enquadra a uma imagem branca, Jesus é Blues. A partir dessa visão, certamente Jesus não está colocado como uma figura branca oposta a Baco, Exu ou o *Bluesman*. Os mitos judaico-cristãos são re-articulados não mais a partir de um cristianismo branco ocidental, mas como parte integrante do imaginário preto e periférico do rap nacional: “Eu não acredito no seu Deus branco / Eu acredito em Exu do Blues, eu

---

<sup>73</sup> Baco Exu do Blues, “Tropicália”, Single (Casa1, São Paulo, 2016).

<sup>74</sup> Baco Exu do Blues, “Kanye West da Bahia”, Álbum *Bluesman* (Selo EAEO Records, São Paulo, 2018).

<sup>75</sup> Baco Exu do Blues, “O culto”, Single (Mazili e Dactes, 2016).

<sup>76</sup> Baco Exu do Blues, “Bluesman”, Álbum *Bluesman* (Selo EAEO Records, São Paulo, 2018).

<sup>77</sup> Baco Exu do Blues, “Faixa preta”, Ep *Oldmonkey* (999, Salvador, 2015).

acredito em Baco”<sup>78</sup>. Todos os mitos são articulados como parte da experiência e da vitalidade negra: “Não entra na roda punk sem pedir pra Exu / Não entra no mar sem pedir pra Iemanjá / De respeito a fé dos pretos”<sup>79</sup>. Histórias e personagens lidos e aceitos socialmente enquanto brancos (como Jesus ou Baco) são transformados e inseridos em novos contextos poéticos e raciais:

Fiz roda punk com os anjos / Pinteí o Éden de preto / Fui ghostwriter de Beethoven / Escrevi vários sonetos / Cortei minhas asas / Vejam minhas cicatrizes / Eu vi Deus em depressão / O ajudei com suas crises / Depois que eu morri com um tiro na cabeça / Sempre que um preto faz dinheiro grita: Baco vive, Baco vive<sup>80</sup>.

Como foi visto, a religião articula tanto elementos estruturantes da “poesia de escória” trabalhados no primeiro item, como elementos do amor erótico trabalhado no segundo item do artigo. Nosso propósito com uma terceira parte separada somente para discutir o significado das narrativas religiosas se dá no intuito de inserir tal temática dentro das Ciências da religião como da religião na pesquisa musical, literária, poética e política a respeito do rap no Brasil. O tamanho das letras das canções de rap nos impõem um desafio de recortar e escolher os versos e estrofes em que cada um desses elementos se apresenta. Certamente deixamos passar alguns termos, sentidos e temáticas importantes (políticas, por exemplo) que ainda poderão ser exploradas em outros momentos. Mas sobre aquilo que nos propusemos a fazer, que era olhar como a linguagem erótica e religiosa mobiliza o mundo mítico-poético e simbólico da “poesia de escória” de Baco Exu do Blues, acreditamos ser suficiente para uma primeira tentativa.

### **Considerações finais**

A obra bacuexuniana, ou melhor, o rap de Baco Exu do Blues mostrou-se um lugar misterioso, cheio de becos e estradas, nunca monótono e previsível. Por meio de suas canções os mais diversos sentimentos podem ser acessados, dentre eles a revolta, o conflito, a depressão, o empoderamento, a morte ou a esperança. Traçamos

---

<sup>78</sup> Baco Exu do Blues, “Preto e prata”, Álbum Bluesman (Selo EAEO Records, São Paulo, 2018).

<sup>79</sup> Baco Exu do Blues, “Esú”, Álbum Esú (Cremenow Studio, 2017).

<sup>80</sup> Baco Exu do Blues, “Minotauro de Borges”, Álbum Bluesman (Selo EAEO Records, São Paulo, 2018).

três elementos principais em cada um dos pontos do artigo. Primeiro, na tentativa de “cercar” e conceituar a “poesia de escória”, observamos parte do estilo poético-musical de Baco a partir dos termos “rap sujo”, “poesia de escárnio” e os sentimentos relacionados à melancolia/depressão. Esses configuram-se como elementos indispensáveis na estética poética de Baco. Em segundo lugar, enfrentamos a tarefa de analisar o significado das *lovesongs* e de aprofundar o sentido filosófico/religioso do caráter erótico do amor expressado em sua obra. Percebemos (1) a mistura entre um tipo *gangster* e malandro de amor, (2) a qualidade dionisíaca e o seu significado, (3) além do intenso desejo místico que a experiência sexual suscita no mais íntimo do seu mundo mítico-simbólico. Por fim, apresentamos a hipótese de que a religião abarca vários aspectos de toda essa reflexão. Acreditamos que as três formas principais da sua presença em Baco é a afirmação de uma dialética permanente entre o sagrado/profano, a pluralidade de metáforas e mitologias sagradas, bem como o resgate de símbolos, elementos e figuras tradicionalmente sacralizadas em intenso combate às perspectivas brancas da experiência religiosa ocidental.

Depois deste breve mas intenso percurso, fica posto a complexidade poética, musical e religiosa do rap nacional. Cada rapper constrói um mundo poético e simbólico distinto, com imagens, mitos e memórias que ajudam a construir/traduzir sua própria realidade. Cabe ressaltar também a pertinência deste exercício que tenta dialogar não só com referenciais teóricos distantes do objeto, mas com o “corpo a corpo” com o texto poético, ou melhor, o “ouvido a ouvido” com as músicas aqui trabalhadas. Ouvir o rap, sentir a sua batida, observar o corpo e o contexto de quem canta, enfim, entrar em contato direto com a cultura hip-hop é o que poderá garantir análises e teorias pertinentes. É bom lembrar que não tivemos como prerrogativa a ganância de chegar na intenção original dos versos do autor, nem conseguiríamos. A música, assim como a poesia, é livre e desloca-se de sentidos únicos, acessando a cada instante novos mundos e ouvidos. Como mesmo alertou Baco: “Seus rótulos não tocam na minha poesia, eu sou o Kanye West da Bahia”.

## Referências

- ANDRADE, Elaine Nunes (org.). Rap e educação, rap é educação. São Paulo: Summus, 1999.
- BACO EXU DO BLUES. 2018. Trip TV (Youtube). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=obC9-nfWOc&t=135s>. Acesso em: 29 jun. 2021.

- BACO EXU DO BLUES. 2016. Rapbox, Casa1 (YouTube). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XiuNULSedD8&t=401s>. Acesso em: 29 jun. 2021.
- BATAILLE, Georges. O erotismo. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- CALVANI, Carlos Eduardo. Religião e MPB: um dueto em busca de afinação. Revista Eletrônica Correlatio. v. 14, nº 28, p.29-54, dez., 2015.
- CAMARGOS, Roberto. Rap e política: Percepções da vida social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2015.
- CAPPELLI, Márcio; ROCHA, Bruno. “Uma Bíblia velha, uma pistola automática”: O imaginário bíblico na obra de Racionais Mc’s. In: BONFIM, Luís Américo Silva. Religião e Cultura: Hibridismos e efeitos de fronteira. Curitiba: CRV, 2020a.
- CAPPELLI, Márcio; ROCHA, Bruno. No princípio era o rap: A construção do mito na obra dos Racionais Mc’s. Estudos de Religião, v. 34, n.3, p. 153-176, set.-dez. 2020.
- D’ANDREA, Tiarajú Pablo. A formação dos sujeitos periféricos: Cultura e Política na periferia de São Paulo. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- FONSECA, Silvana Carvalho da. O rap como poesia negra da diáspora: modos de dizer, modos de fazer literatura. *Crítica Educativa*, p. 135-145, jan./jul. 2019.
- GILROY, Paul. O atlântico negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.
- MALMACEDA, Ana Laura Boeno. A literatura nas canções dos Racionais Mc’s: uma análise comparatista à luz de Rubem Fonseca, Paulo Lins e Ferréz. Dissertação (Mestrado em Estudos Brasileiros) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Portugal, 2017.
- NOGUEIRA, Paulo de Souza. Religião e ficcionalidade: modos de as linguagens religiosas versarem sobre o mundo. IN: Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares. NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org.). São Paulo: Paullus, 2015.
- OLIVEIRA, Acauam Silvério. O fim da canção? Racionais Mc’s como efeito colateral do sistema cancional brasileiro. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2015.
- Pode Crê!. Entrevista: Brown. In: *Pode Crê!: música, política e outras artes*. São Paulo: PDH/SOS Racismo do Geledés – Instituto da Mulher Negra, ano I, n. 1, fev./mar. p. 13-14, 1993.
- ROCHA, Bruno de Carvalho. Um corpo herético no rap: Uma teopoética erótica em Alice Guél. *Mandrágora*, v. 26, n. 2, p. 31-57, 2020.

- SEGRETO, Marcelo. A linguagem cancional do rap. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- SLOTERDIJK, Peter. Pós-Deus. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2019.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva. Letramentos de Reexistência: Poesia, Grafite, Música, Dança: Hip-Hop. São Paulo, Parábola, 2011.
- TATIT, Luis. Semiótica da canção – a relação entre melodia e letra na canção popular brasileira. São Paulo, Escuta/USP, 1994.